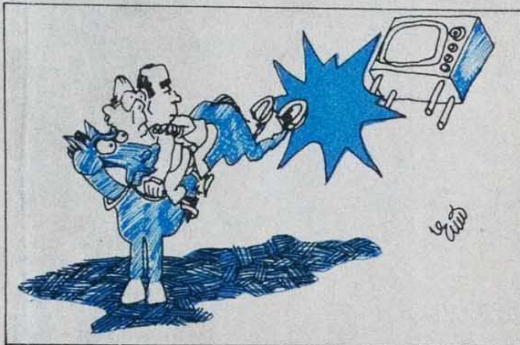


Faltam só 8 semanas para o povo golear o PDS nas urnas. Entre também nesta briga!

PMDB ganha força no último debate



Através da Lei Falcão, o governo proibiu debates entre candidatos na televisão, até 15 de novembro. Mas nos últimos debates antes da proibição entrar em vigor o PMDB subiu vários pontos na preferência popular. Mais

ofensivos contra o governo e seu partido, os candidatos da maior legenda oposicionista apareceram como a alternativa do povo para a eleição. O espaço para a divisão dos votos oposicionistas se reduziu. Pág. 3

Povo defende a oposição contra tiros do regime

A contra-ofensiva do PMDB pernambucano. Milhares nas ruas de Recife. Entrevista exclusiva com Clodoaldo Torres. Página 4



"A UNE é de todos os estudantes!"

Clara Araújo, diretor da UNE, fala das propostas da Viração no Congresso de Piracicaba. Pág. 3

Conspiração do governo para deixar Minas no desemprego

Oposição denuncia plano para acabar com a Açucaria depois das eleições. Página 8



A gigantesca hidrelétrica de Tucuruí deixa um rastro de escravidão e miséria

Israel invade e ensanguenta a capital libanesa

Novos e repugnantes crimes cometidos em Beirute. Entrevista exclusiva com Clodoaldo Torres. Página 5

Sete mil desempregados com a crise de Tucuruí

Depois de impor um ritmo de trabalho infernal, o governo começa as demissões. Um trabalhador conta como sofre os peões. Pág. 8

EDITORIAL

Botar o bloco na rua

A oposição firme contra o governo entreguista e arbitrário é a chave para vencer as eleições de 15 de novembro. Os últimos debates realizados na TV, antes de entrar em circuito o "cineminha mudo" da Lei Falcão, deram vitória aos candidatos do PMDB, exatamente porque eles foram os únicos que concentraram suas denúncias no poder central, o grande responsável pela maior crise da história de nosso país.

Agora é uma nova e árdua etapa da campanha, com debates e denúncias nas ruas, nas fábricas e nos bairros. Não se justifica nenhum ufanismo baseado em alguns êxitos parciais obtidos. O "já ganhou" é um erro que pode levar ao desastre. A oposição não vai dispor dos meios de comunicação de massas para atingir o grande público. E o governo, além de usar a máquina estatal, está mobilizando grandes recursos para ludibriar o eleitor e comprar votos.

A disputa se polariza entre o PDS e o PMDB, único partido de oposição capaz de derrotar o governo. Mas diversas forças, insufladas pelo governo, tratam de desmoralizar o PMDB. Adotam um linguajar aparentemente radical para confundir o eleitorado. Investem contra a formação de uma ampla frente de oposição ao regime porque nela se incluem também setores das classes dominantes. Na verdade procuram evitar que as eleições sejam um grande plebiscito onde, de um lado, está o governo dos generais e de outro, estão todos os que estão contra o governo, pelos mais diversos motivos. No último debate em São Paulo certos candidatos que se dizem de oposição jogavam flores uns nos outros mas não pouparam ataques ao PMDB, enquanto o candidato do PDS sorria satisfeito.

Dentro desta orquestra, dirigida muitas vezes de forma indireta pelos estrategistas do Planalto, desenvolve-se na grande imprensa uma

manobra que, a pretexto de ser imparcial, trata de igualar o PMDB com o PDS, aproveitando-se de uma ou outra declaração dos elementos mais atrasados da frente oposicionista. O objetivo é impedir o confronto aberto entre oposição e governo, desvantajoso para os donos do poder.

A oposição, pelo contrário, interessa "botar o bloco na rua". Seu interesse é multiplicar as possibilidades do povo discutir, participar e optar. Os arrastões, as concentrações localizadas, os debates em clubes e bairros e as visitas de casa em casa, tudo deve ser usado para impulsionar a campanha. Sobre tudo os grandes comícios deverão cumprir um papel destacado nesta etapa. Eles confirmarão e ampliarão a tendência popular já demonstrada anteriormente nas convenções do PMDB com imensa participação de massa.

Os comícios representam uma demonstração de forças. Mostram quem tem e quem não tem apoio de massas. E permitem ao povo ouvir as propostas de seus candidatos e manifestar também a sua disposição de luta. Com os aplausos e, em certas ocasiões, vaias, o público pressiona, aprova ou reprova as plataformas apresentadas. Nestas concentrações o povo fala através de suas principais lideranças e fortalece com isto os candidatos populares. A reunião de milhares de pessoas favorece a unidade oposicionista pela base e dificulta a atividade divisionista. Nos comícios, os vacilantes e conciliadores se apagam, enquanto os oposicionistas consequentes e vibrantes se fortalecem.

Nesta campanha o PMDB terá sucesso se for consequente na defesa da democracia e dos direitos do povo. O voto popular vai ser contra o governo, contra a fome e contra o arbítrio. O povo vai votar por terra, trabalho, liberdade, e independência nacional.

Impunidade dos terroristas

As investigações sobre a autoria da edição do jornal "O São Paulo", da Arquidiocese paulista, onde eram cometidas injúrias contra o Cardeal Arns, foram interrompidas na última quarta-feira, capitaneadas pelo advogado José Carlos Dias, e pela imprensa, foi localizada a gráfica que imprimiu o jornal falso, em Belo Horizonte. Os órgãos de repressão política do governo, sempre tão apressados em reprimir as manifestações oposicionistas, viram-se obriga-

dos a aceitar os resultados apresentados pelas investigações. Mas agora tratam de acobertar os terroristas e incentivando-os a novos crimes. A polícia paulista diz que o caso cabe à polícia mineira. Usando o argumento inverso — de que o caso cabe à polícia paulista — a polícia mineira nada faz. E o chefe do SNI, general Medeiros, alegando que não há "pessoas gratidas" no caso (como ele sabe?), diz que não é de sua alçada investigá-lo.

A volta da Camisa 12 reforça o Corinthians

Os jogadores da arquibancada se reorganizam. Pág. 7



O autor de "Coração bobó" batalha pela oposição

"Se eu não fosse artista gostaria de ser político"

Alceu Valença fala à Tribuna Operária de música popular, defesa da Nação brasileira e eleições de 1982. Pág. 7

Últimos debates polarizam eleição entre PDS e PMDB

Sob o império da Lei Falcão, a campanha eleitoral entrou em ritmo de cinema mudo, com o rádio e a TV vetados à oposição. Nos últimos debates permitidos, entre candidatos a governador, o eleitorado pode confirmar que a grande luta em novembro será entre o regime e a oposição. Em São Paulo, o PMDB lançou a proposta de um governo opositorista de coligação.



Os cinco candidatos paulistas e a investida de Jânio contra Montoro, enquanto Reynaldo dá risada

Os debates dos dias 11 e 13 em São Paulo elevaram consideravelmente as tensões dos jornais e a audiência das emissoras que os promoveram. Tamanho foi o interesse, que valeu como um protesto popular contra a Lei Falcão, que proibiu debates eleitorais a partir do dia 14. No dia 13, pela primeira vez, os cinco candidatos ao governo no maior colégio eleitoral do país estiveram frente a frente. E o que se viu foi uma polarização mais acentuada entre o PDS e o PMDB — considerados pelas pesquisas de opinião pública como os dois partidos que efetivamente estão no páreo pelo governo paulista.

COALISÃO OPOSICIONISTA

O senador Franco Montoro, favorito nas pesquisas, pareceu caminhar para uma postura opositorista, mais aguçada, como o eleitorado espera do PMDB. Não só foi o único a propor medidas concretas de governo, para aliviar os sofrimentos do trabalhador, citando um programa de seis projetos que "poderão gerar em São Paulo 400 mil empregos, como a dinamização das ferrovias". Procurou a unidade das oposições, para o confronto com o governo. Montoro propôs inclusive um governo de coligação opositorista em São Paulo contra o governo federal, proposta aceita pelo candidato do PDT. No dia seguinte, ele seria rejeitada como "absurdo" pelo PTB de Jânio e como "petulância" pelo PT de Lula. O candidato do PMDB, porém, realinou a proposição. "As oposições disse — não podem se dividir. Todos os partidos que são contra o governo autoritário e entreguista que aí está têm que se unir, para provocar as transformações necessárias à sociedade".

tanto paquidêmico. Reynaldo nem disfarçava. Levantou a bola para Jânio Quadros, perguntando-lhe se foi "a patrulha ideológica do Partido Comunista que levou a direção do PMDB a rejeitar sua entrada". E perguntou ao "meu caro Lula" segundo suas palavras: "Se o voto útil é do PMDB, consequentemente o do PT é voto inútil".

Para a desdita da unidade opositorista, houve quem caísse na jogada. Jânio — em sua primeira aparição num debate público nesta campanha — foi o que mais se assanhou, atacando Montoro em nome do anticomunismo. E Lula insistiu em considerar o PMDB como "principal adversário eleitoral do PT". A certa altura, Montoro dirigiu-lhe um apelo direto ao entendimento para "desajajar aqueles que estão hoje detendo o poder". O candidato do PT, no entanto, em vez de responder preferiu fazer uma homenagem justa, mas fora de hora, ao recém-falecido presidente do Sindicato dos Jornalistas.

Não se pode negar, portanto, que a jogada do PDS teve certo efeito. Mas mesmo assim o candidato governista traiu-se durante o debate, quando reconheceu Montoro como o provável vencedor, provocando risos ao dizer que "quem vai ter problemas no futuro não sou eu, é o senador".

Rede nacional de provocação

Milhões de pessoas já estavam assistindo o debate final entre os cinco candidatos ao governo de São Paulo quando de repente a transmissão foi cortada. Entrou no ar uma verdadeira "cadeia de provocação nacional", com o Presidente Figueiredo falando durante dez minutos só para atrapalhar o debate. Na sua declaração nada de importante ou concreto. Disse que o imposto recém-criado, o Finsocial, seria recolhido no valor de 60 bilhões, no segundo semestre. E que "a primeira aplicação tem como objetivo dar teto a quem está desabrigado e dar alimento ao subnutrido". Que demagogia! Com os 20 bilhões que vão para o BNH não se constróem nem 30 mil casas, e os desabrigados são mais de 10 milhões de famílias. O Estado é um saco sem fundo. Com uma mão, o governo arranca mais impostos e diz que é para ajudar os pobres. Com a outra, passa um cabolê nas empresas de 217 bilhões de cruzeiros. Não paga suas dívidas e arrasta as empresas para os cortes no pessoal, falências e concordatas. Até a Servix, uma das maiores empreiteiras da América Latina, foi atingida e pediu concordata. Nos últimos quatro meses, o calote que o governo está passando custou caro para os operários da construção civil: 16 mil pessoas perderam seus empregos. Se a crise continuar até o Natal de 1982 o setor terá mais 24 mil desempregados!



A volta do exílio, na propaganda demagógica do governo militar

João, brasileiro só no país da fantasia

No dia 10, no momento em que teria início a novela das 20 horas da Rede Globo, o público foi alvo de mais uma ofensiva demagógica e eleitoralista do governo: o filme de fantasia "João, um brasileiro", feito por uma agência publicitária a soldo do PDS. O "brasileiro" do título, para surpresa de todos, era nada mais nada menos do que o general Figueiredo, atual chefe do regime militar, responsável pelo maior entreguismo de que esta pátria já foi vítima.

coração generoso de um general, desses que vivem dando golpes de Estado nos países da América Latina. Usando algumas meias-verdades e muitas mentiras inteiras (como a de que as oposições fossem contra a anistia política), o filme apresentou um falso Brasil, onde não existem presos políticos, a inflação diminui, a oferta de empregos cresce e as oposições podem criticar o governo pela televisão. Isso quando a Lei Falcão impede que a oposição mostre pela tevê o verdadeiro João Brasileiro: desempregado, com fome, sem saúde, sem casa para morar, num país onde existem padres e posseiros presos e democratas indiciados na "Lei de Segurança Nacional".

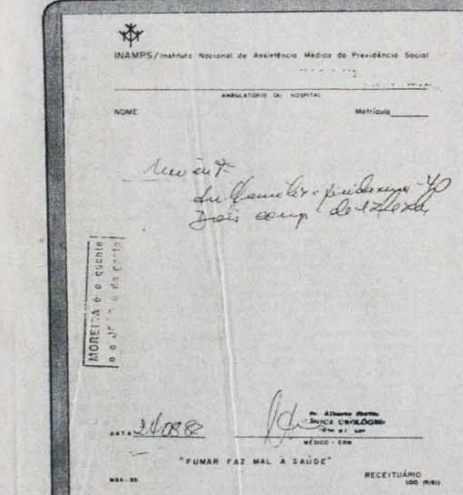
População enfrenta os fascistas do PDS baiano

Na noite de 9 de setembro, véspera da inauguração de uma creche que há mais de 3 anos estava abandonada, os moradores do conjunto habitacional Bahia viveram momentos de terror quando mais de 20 homens da "Savak" (polícia clandestina que atua na Bahia), de metralhadoras em punho perseguiram os moradores do conjunto que colavam cartazes dos candidatos majoritários do PMDB e de Haroldo Lima, candidato a deputado federal; Vandilson Costa, a deputado estadual; e Jane Vasconcelos, a vereadora.

PDS. Mas os moradores do conjunto, que acordaram com o pânico formado, vaiaram continuamente os serviços do governo e gritavam das janelas: "Fora Antônio Carlos Magalhães" (o governador baiano), e "Abaixo o fascismo". Na mesma madrugada, após o bando pedessista ter se retirado, uma grande quantidade de moradores do conjunto se reuniu e fez nova colagem, cobrindo os cartazes governistas com os cartazes do PMDB. E no dia seguinte, os moradores se negaram a participar da farsa da inauguração da creche.

A mesma "Savak", após ameaçar e expulsar os opositoristas, colou cartazes dos candidatos do

(da sucursal)



PDS do Rio usa INAMPS na campanha eleitoral

Em Niterói, o PDS foi flagrado praticando a corrupção eleitoral: o ambulatório de urologia do INAMPS utiliza o receituário para fazer propaganda do candidato do partido dos generais ao governo do Rio de Janeiro e do general Figueiredo. Todas as receitas expedidas são carimbadas com

os dizeres: "Moreira é o quente e o João é da gente". Acobertados pela certeza da impunidade, os candidatos pedessistas utilizam os prédios públicos como comitês eleitorais dos corruptos candidatos governistas. É o partido da corrupção tentando impedir a derrota em novembro.

A JOGADA GOVERNISTA

No extremo oposto, o candidato governista e ex-prefeito biônico Reynaldo de Barros fez o possível para jogar os opositoristas uns contra os outros e em especial contra o PMDB. Em seu estilo um

O DEBATE PERNAMBUCANO

Em Pernambuco, como na maioria dos Estados que promoveram "últimos debates" antes da Lei Falcão, o PMDB também marcou pontos. O candidato do PDS, Roberto Magalhães, chegou a se enrolar e chamar o peemedebista

Marcos Freire de "futuro governador". Engasgou no meio do "futuro" e mudou para "candidato", mas já era tarde demais. Marcos Freire partiu para a ofensiva. Indagado se o PMDB estava "à procura de um cadáver", afirmou: "Não! Já enterramos muitos, e muitos continuam in-

sepultos, vítimas de um regime que prendeu, torturou e matou. Queremos, sim, a liberdade!". Já Magalhães, nem sequer tentou defender o governo. Quando perguntado por que o PDS era favorável à Lei Falcão, disse: "PDS não — eu sou do PDS e sou contra a Lei Falcão".



Antes de Crixás, Iris Rezende realizou comício em Guaraí, onde a presença popular foi muito grande, prestigiando os candidatos do PMDB

Povo ilumina comício do PMDB com velas

O desespero do PDS em Goiás levou os políticos governistas a cortarem o fornecimento de energia elétrica de Crixás, cidade do interior do Estado, no dia em que o PMDB foi realizar um comício eleitoral na cidade. Mas o abuso pedessista não deu certo: a população local, com velas nas mãos, iluminou a praça onde, emocionado, o candidato a governador pela oposição, Iris Rezende Machado, disse: "Em minha peregrinação pelo Estado de Goiás, nunca vi coisa mais linda. É como uma procissão de fé e esperança do povo de Crixás. Uma procissão em busca da liberdade, da democracia e de melhores dias para o povo sofrido".

LADRÕES DE PALETÓ O candidato ao governo pelo PMDB disse que sua campanha é uma luta das ideias contra o poder econômico e a corrupção, acrescentando: "Em meu governo, o dinheiro público atenderá aos interesses dos necessitados. Não permitirei que político algum retire fundos das instituições do Estado, sob qualquer pretexto. Não permitirei também qualquer prática desonesta contra o erário. Se tal ocorrer, mostrarei que as cadeias de Goiás foram feitas para serem frequentadas também pelos ladrões de paletó e gravata, e não só pelos humildes ladrões de galinha".

Enquanto o povo usa velas para iluminar os comícios do PMDB, o governo goiano e o PDS usam funcionários e equipamento — inclusive carros — da Conluz (companhia de eletricidade) para colocar os cartazes dos candidatos

do partido dos generais em postes e muros da capital e interior do Estado. Um levantamento recente, feito pelo PMDB, comprovou que o PDS está usando, no mínimo, 12 carros oficiais em sua campanha. Além disso, o avião "King", pertencente ao Estado, está à disposição do candidato ao governo pelo PDS para sua campanha. A imprensa goiana tem denunciado que até helicópteros oficiais estão sendo usados pelo PDS, no desespero de evitar uma derrota fragorosa no dia 15 de novembro. Além dessa corrupção eleitoral, o governador Ary Valadão ainda manda apagar dos muros as pichações de candidatos opositoristas como Aldo Arantes e Euler Vieira.

(da sucursal)

Ativistas põem a campanha do PMDB nas ruas

Impedidos de ter acesso ao rádio e até de divulgar suas propostas políticas, os candidatos populares do PMDB de São Paulo fazem do contato direto com o eleitorado, o principal meio de campanha. Contam, para isso, com o apoio decidido e a participação crescente de ativistas políticos populares em suas campanhas.

res, além dos candidatos majoritários do PMDB. Com esse estilo, sem recursos financeiros, mas de grande iniciativa política e participação popular, os candidatos populares do PMDB se contrapõem a campanha de corrupção e dinheiro solto do PDS. (Carlos Pompe)

É cédula na urna

Fazer campanha eleitoral não é só divulgar ideias, é também conquistar votos. Que o digam os políticos das classes exploradoras, às vezes cheios de votos e rigorosamente vazios de ideias. A batalha eleitoral tem suas leis próprias e uma forma principal de luta — a cédula na urna.

As forças da oposição popular estão fazendo um trabalho de aprendizado na campanha sem desprezar a propaganda em larga escala das ideias de terra, trabalho, liberdade e independência nacional, e a ação nos grandes comícios, partem para a conquista do voto. É uma forma consagrada para isto é a visita de casa em casa. Forma importante. Mas não a única.

Garhar voto é uma diretriz e uma meta; não teria sentido reduzi-la a um único método de ação. Há muitos outros, igualmente eficazes: reuniões com uma, duas ou três dúzias de eleitores, em que todos podem falar; visitas aos locais de trabalho, de estudo, feiras, debates, muitos debates, com o eleitor, as lideranças do lugar, e os candidatos concorrentes.

Esta eleição, o povo deseja votar em gente de oposição — e oposição firme, corajosa, sintonizada com os seus pequenos e grandes problemas. Quer não só ouvir o candidato, mas também falar com ele. Quem quiser uma grande massa de votos tem que atrair-se sem medo neste debate, com a bandeira do PMDB e das candidaturas populares.

60 mil na marcha da oposição

O PMDB do Rio Grande do Norte esperava 50 mil pessoas na grande marcha de 24 quilômetros, entre Natal e Macaíba, no dia 10. Enganou-se. Compararam mais de 60 mil. Por isso faltou condução para a viagem de volta. Houve quem tivesse que voltar também a pé, em outra caminhada, no dia seguinte. E até um caminhão-pipa, contratado para matar a sede dos manifestantes, esgotou sua carga de água antes do fim da viagem. Foi a maior manifestação da história poigrava, batendo um recorde que vinha de 1966 — percorrendo um trajeto semelhante e também em apoio a Aluísio Alves, mais tarde cassado pela ditadura, e hoje candidato a governador.

Durante o trajeto, os candidatos peemebchistas se sucediam em comícios-relâmpago de denúncia dos desmandos do governo — representado no Rio Grande do Norte pela oligarquia do Mair. Foi uma verdadeira explosão de sentimento oposicionista. E uma demonstração de força, de participação de massas na campanha, que certamente está dando o que pensar aos líderes do PMDB em outros Estados. Afinal, se o Rio Grande do Norte reune 60 mil, quantos não juntará o PMDB de São Paulo, por exemplo?

Erasmio e a OBAN

Erasmio Dias (PDS-SP), que ameaça irromper na Câmara Federal em 1983 de metrô para dentro, depois de 1969, a sinistra "Operação Bandeirantes", mais tarde Doi-Codi do II Exército — lido como o principal centro de torturas do país. Erasmio continua nesta.

Briga no PDS em Osasco

A visita de Figueiredo a Osasco, São Paulo — para um comício do PDS, que contou com exatamente um quinto do público previsto — gerou briga feia entre os governadores. Francisco Rossi, candidato do PDS a prefeito, que está pregando o "voto camarário", constituiu brigadas especiais para impedir a entrada de propaganda de Salim Maluf e outros candidatos do PDS. Houve até pancadaria, e o corte das cordas que prendiam um grande balão com os nomes de Maluf, Reynaldo e Papa Júnior.

Antes que o país acabe

"Vote contra o governo, antes que ele acabe com o Brasil" — é o slogan do jovem candidato popular Leopoldo Neto, que disputa a vereança na cidade operária de São Caetano, ABC paulista. No seu material de propaganda, o governo aparece como um dragão com três cabeças: a de Figueiredo e a de Delim e a de Reynaldo. Maluf está por trás. E o PMDB aparece de armadura e com uma espada em punho, onde se lê voto.

O PMDB vai às fábricas

Inaugurou-se dia 10 em Sertãozinho, cidade operária de São Paulo, o comitê de apoio às candidaturas de Aurélio Peres para deputado federal, Sílvio Derenzo para vereador. Junto com o operário Diolívio Marqueti, também candidato a vereador pelo PMDB, Aurélio e Sílvio correram cinco fábricas, fazendo comícios. Na festa, o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Ribeirão Preto e Sertãozinho, Antônio Guerreiro, sublinhou a presença operária, "com sua política de classe", na campanha eleitoral.

Último remédio do PDS

Ondacir Klein, candidato do PMDB a vice-governador do Rio Grande do Sul, denunciou para 5 mil pessoas, dia 11 no Ginásio do Cangaçu, que a corrupção do PDS chegou a tal ponto no seu Estado "que vários candidatos do partido do governo já estão assustados com a concorrência de seus colegas". Como disse ele este "é o último remédio para salvar o PDS, um partido moribundo, sem voto e sem respeitabilidade".

Desespero não adianta

O vereador do PDS de Goiânia Ubaldo Rocha agrediu um estudante a socos só porque ele disse que o PMDB está à frente das



pesquisas eleitorais. A pesquisa foi feita registrada na polícia. As pesquisas apontam 48% de preferência para o PMDB, contra apenas 29% do PDS. É, seu Ubaldo: desespero não ganha eleições...

Outro líder deixa o PT

Mais um que se desaliciou como PT: José Jair da Conceição, que era presidente do Diretório Municipal e candidato a vice-prefeito em Gurupi, Goiás. Ele aderiu ao PMDB por entender que o momento é de somar votos contra o governo e o PDS, sem dividir a oposição.

Troca rancho por voto

Num comício popular no Mercado Adolpho Lisboa, Manaus, um camponês subiu ao palanque para denunciar Osmar Freire, do PDS amazense, como chefe de uma gangue que está trocando votos por ranchos. "Tenho certeza — disse o lavrador — que como sei, vários outros camponeses também denunciaram essa pouca-vergonha e saberei em quem votar no dia 15 de novembro".

Regime de pão e água

"Quem não for correto dentro do próprio PDS, terá o mesmo tratamento de meu governo, como se fosse político do PMDB, isto é, pão e água". A ameaça é do candidato pedesista ao governo de Alagoas, Divaldo Surlay, amefrontado com o avanço da oposição e, agora, com a campanha de "voto camarário" (sem sufragar os candidatos majoritários) que cresce no PDS.

Vão ganhar disparados

Grandes comícios do PMDB reuniram 2 mil pessoas em Novo Lino e Colônia de Leopoldina, Alagoas, no dia 5, mostrando que a oposição está no páreo para valer, em todos os Estados, nas capitais e no interior. Em Colônia, um chefe do PDS local comentou: "Aqui vocês não ganham a Prefeitura, mas reconhecem que no Estado quem vai ganhar disparado são vocês".

Ovo podre no governador

O povo do bairro Fazenda Grande do Retiro, em Salvador, recebeu o governador Antônio Carlos Magalhães e o candidato do PDS, Clériston Andrade, com ovos podres e vinhos, no dia 15. A população do bairro ficou irritada quando elementos do PDS, na noite do dia 14 arrancaram todos os cartazes oposicionistas. Na visita do governador e sua "gang", deram o troco.

Jovens contra malufismo

A Juventude do PMDB da Freguesia do Ó (São Paulo) lançou um documento expressando seu apoio a Benedito Cintra para deputado estadual e Aurélio Peres, federal: "Damos todo nosso apoio a esses candidatos, na certeza que travarão uma luta sem tréguas contra esse regime militar, contra o malufismo e contra o prefeito biônico Reynaldo de Barros".



Cid Sampayo, com microfone, fala a multidão na Praça do Diário

Pernambuco repudia violência contra PMDB

Entra em nova fase a campanha eleitoral do PMDB em Pernambuco, com a realização de grandes concentrações populares. Na noite do dia 9, mais de cinco mil pessoas se concentraram em frente à Faculdade de Direito de Recife e depois saíram em passeata, em repúdio ao atentado sofrido pelo candidato do PMDB a deputado estadual, Clodoaldo Torres.

Encabeçada por Marcos Freire, Fernando Coelho, Cid Sampayo, Miguel Arraes, Francisco Julião, Cristina Tavares, deputados e vereadores, a multidão saiu da Faculdade de Direito em passeata pelo centro da cidade. Engrossada por populares, a caminhada chegou a enfilerar mais de 10 mil pessoas. Na Praça do Diário a multidão parou e foi lido um manifesto de repúdio à série de violências praticadas pelo governo.

O Manifesto assinado por dezenas de entidades sindicais e populares, relaciona os recentes casos de violência: o assassinato do procurador Pedro Jorge, que desvendou o "Escândalo da Mandioca"; assassinato do candidato a prefeito de São Benedito do Sul pelo PMDB, Heliodoro Andrade; o atentado contra o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Igaraci, Manoel Jerônimo; e o atentado contra o economista Clodoaldo Torres. "Os crimes são perpetrados sem que se apurem as responsabilidades, assegurando-se a impunidade desses agentes que intranquilizam a população", afirma o Manifesto.

Francisco Julião, representando o PDT, foi o primeiro orador. O PT também se fez presente. E Suzana, esposa de Clodoaldo, fez um discurso emocionante: "Enquanto Clodoaldo luta pela vida no hospital, lutaremos aqui na rua". O último orador foi Marcos Freire, candidato do PMDB ao governo, que empolgou a multidão ao atacar a corrup-



Luciano: "Forjar a unidade popular"

Intervenção popular

A princípio convocada pelo PMDB, a manifestação contra a violência terminou incorporando outros partidos de oposição — o PDT e o PT — e mais de vinte entidades populares, democráticas e sindicais. O caráter, ao mesmo tempo amplo e combativo da manifestação, resultou da intervenção organizada dos oposicionistas mais consequentes. Dessa maneira, fortaleceu-se a frente democrática e se deu um passo adiante na articulação das forças populares dentro e fora do PMDB. Uma lição tirada através de atos públicos, de convergência é possível trabalhar pela unidade de ampla frente democrática e ao mesmo tempo construir a unidade popular. (Luciano Siqueira, candidato a deputado estadual pelo PMDB)

ção e a violência no Estado: "Vou acabar não só com a pistola, mas também com o pistoleiro. Lugar de ladrão de dinheiro do povo é na cadeia. Qualquer vítima de bala assassina, só existirá um culpado: o governo de Pernambuco". (da sucursal)



Clodoaldo no hospital. Ele levou dois tiros no tórax e um na mão esquerda.

Clodoaldo mantém campanha

A Tribuna Operária fez uma entrevista exclusiva com Clodoaldo Torres, candidato a deputado estadual pelo PMDB pernambucano, que no dia 3 de outubro sofreu um atentado terrorista que quase lhe custou a vida.

Clodoaldo considera que "o governo federal e estadual estão desesperados com a perspectiva de perder o poder. Essa violência é estimulada pelas palavras e ações dos governantes e também pela impunidade dos assassinos. O candidato a governador pelo PDS declarou à revista Veja que autoridade policial tem de ter a coragem de colocar sua força na rua, mesmo que para isso uma bala 'doída' acerte uma criança ou uma pessoa idosa. Basta observar que o homem atirou em mim em plena feira livre de Afogados, é autor de mais de 10 crimes e mesmo assim era comissário chefe da delegacia de Afogados.

Falando sobre a relação entre violência e corrupção, Clodoaldo Torres afirmou: "Neste período eleitoral as denúncias são levadas a praça pública para conhecimen-

to de todo nosso povo. Como estas corrupções são praticadas pelo governo e ou por seus agentes, estes reagem com a única arma de que dispõem, a violência bruta e burra. O escândalo da Mandioca. Quem estava envolvido nele? Um capitão da PM, um primo do próprio general Figueiredo. O escândalo das frentes de emergência? Parlamentares e prefeitos do PDS que manipulam listas inexistentes.

Segundo Clodoaldo, diante da corrupção e violência nestas eleições os candidatos populares devem "denunciar ao povo e apostar no avanço do nível de consciência e mobilização populares, procurando com isso barrar a ação dos violentos e corruptos".

O candidato, que saiu recentemente do hospital, tem recebido telefonemas anônimos e ameaças. Mas continua firme. E não perde o humor. Perguntado se pediria proteção da polícia ele ironizou: "Quem atirou em mim foi uma autoridade de polícia. Vou chamar o ladrão". (da sucursal)

Solidariedade aos editores da Tribuna

A Editora Anita Garibaldi tem recebido várias manifestações de solidariedade contra o enquadramento de seus diretores na Lei de Segurança Nacional, devido à publicação da revista "Guerrilha do Araguaia".



No Congresso Nacional de Jornalistas realizado no Espírito Santo, foi aprovada moção com os dizeres: "Os jornalistas brasileiros reunidos em seu XIX Congresso Nacional, em Guarapari, Espírito Santo, protestam contra a ameaça de enquadramento na Lei de Segurança Nacional dos jornalistas Pedro de Oliveira, Bernardo Joffily e Rogério Lustosa, da Tribuna Operária, pela divulgação de fatos que não podem ser omitidos ao conhecimento da opinião pública. Os três profissionais vêm prestando depoimento no Departamento de Polícia Federal, desde que o Ministério da Justiça decidiu apreender a revista 'Guerrilha do Araguaia', em mais uma das série de atentados à liberdade de imprensa e de informação que vem ocorrendo com frequência em nosso país".

SOLIDARIEDADE NA PRÓ-CUT

Também na reunião ampliada da Comissão Pró-Central Única dos Trabalhadores, realizada em Brasília, 17 sindicalistas apresentaram moção onde denunciaram várias atitudes arbitrárias do governo às vésperas das eleições.

A revista apreendida pelo governo militar

dentre elas a apreensão da revista "Guerrilha do Araguaia" e o processo aberto contra os jornalistas da Editora Anita Garibaldi. E o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Caeté (Bahia), enviou ao jornal uma carta onde "os trabalhadores rurais de Caeté, através do seu órgão de classe, vêm hipotecar total e irrestrita solidariedade à Tribuna Operária, único jornal operário popular do Brasil, e seus diretores indicados em inquérito na Polícia Federal". Também o Comitê pela Anistia e Defesa dos Direitos Humanos da Bahia enviou telegrama de solidariedade aos jornalistas atingidos pela medida repressiva.

O Sindicato dos Empregados das Editoras de Livros e Publicações Culturais do Estado de São Paulo enviou telegrama ao ministro da Justiça protestando contra a "intimidação policial e a ameaça de enquadramento na Lei de Segurança Nacional".

Erros da chapa 1 nas eleições dos químicos de SP

Encerrou-se no último fim de semana o segundo escrutínio das eleições para a nova diretoria do Sindicato das Indústrias Químicas e Farmacêuticas de São Paulo. Venceu a chapa 2, encabeçada por Domingos Galante, com 3.686 votos, contra 2.457 dados à chapa 1 de Jaime Cavalcanti. Este resultado representou o anseio de renovação por parte da categoria. A chapa 1, pela condução dada à campanha eleitoral, não conseguiu imprimir um caráter de distanciamento em relação à diretoria anterior, refletindo que sua composição mudara. A presença na chapa de Waldomiro Macedo dificultou esse trabalho, mesmo estando em posição minoritária.

A chapa 2 capitalizou os erros cometidos pela chapa adversária apesar de ter se aliado ao que havia de pior na diretoria anterior, o ex-tesoureiro Arruda, conhecido por ter dilapidado o Sindicato. Foi ele, que, articulado com os departamentos de pessoal das empresas, conseguiu os votos de cabresto para a chapa 2, além de ter tentado comprar votos de alguns químicos de destaque na categoria. Esta chapa, dita de oposição na verdade segue a política da divisão no movimento sindical. Os trabalhadores químicos e farmacêuticos farão sua própria experiência com a nova gestão. Sendo que os mais expressivos combatentes da chapa 1, como Jaime, Gilberto e um outro grande número de ativistas certamente continuarão lutando em defesa da categoria dentro e fora do Sindicato.

Funcionárias de creches lutam por seus direitos

O prefeito de São Paulo, Salim Curiati, mais uma vez mostra o seu descaio para com os funcionários públicos e para com as crianças do município. Curiati incluiu um projeto que beneficiaria as operadoras de creches que teriam reduzido o seu horário de trabalho para 6-30 horas diárias. No dia 14 de dezembro, por falta de quórum na Câmara de Vereadores, as operadoras não conseguiram o seu objetivo.

A luta das operadoras (que incluem pajens, cozinheiras, auxiliares de cozinha e serviços) começou há três anos. Elas chegaram a trabalhar até 10 horas por dia e diante de sua luta a prefeitura tentou dividir o movimento. Fez um projeto de lei em que somente as pajens tinham direito a uma semana de trabalho de 33 horas. O vereador Benedito Cintra fez um projeto substitutivo igual ao da prefeitura, só que incluiu as cozinheiras, auxiliares de cozinha e serviços. Este projeto foi aprovado pelos vereadores, mas o prefeito não o fez valer.

No dia 14 de setembro cerca de 100 operadoras estiveram na Câmara de Vereadores para pressionar os vereadores a fim de barrar o veto do prefeito. O vereador Benedito Cintra, que criou o projeto substitutivo, hesitando as operadoras disse que esta atitude do prefeito "visa esmagar os funcionários menos graduados, pois este projeto favoreceria os funcionários e também as crianças".



Cintra dá seu apoio a luta das operadoras

Jornalistas querem derrota do regime militar na eleição

A participação dos jornalistas na campanha eleitoral para derrota do regime militar e a eleição direta da próxima diretoria da Federação Nacional dos Jornalistas foram as principais resoluções do XIX Congresso Nacional da categoria, realizado no Espírito Santo, encerrado no último dia 11. Participaram do Congresso cerca de 150 delegados, representando 20 mil profissionais e seus 24 sindicatos, que decidiram a realização de eleições diretas para a diretoria da Federação da categoria, sendo a primeira Federação a assumir tal postura democrática.

Apesar da importância da decisão, ela acabou monopolizando indevidamente os trabalhos do Congresso, prejudicando outras discussões, como a elaboração de um detalhado plano de lutas para a obtenção de conquistas específicas da categoria, como unificação das datas-base, direito a delegado sindical, preparação de estratégias conjuntas para as campanhas salariais, etc.

Mesmo assim, os jornalistas posicionaram-se sobre importantes aspectos da situação nacional, aprovando documento onde defendem a participação maciça da população na campanha (eleitoral) e no pleito, manifestando assim sua insatisfação, o descalabro econômico, a corrupção e a injustiça social, para infligir uma significativa derrota ao regime militar.

(da cursiva)



Na disputada reunião da Pró-CUT, 21 Estados se fizeram presentes

Disputa sem princípios na reunião da Pró-CUT

Renovar a Comissão Pró-CUT e realizar nova reunião nos dias 28 e 29 de novembro para definir a organização do *Conclat*. Estas foram as decisões da plenária da Pró-CUT em Brasília, nos dias 11 e 12, onde o que se viu foi a disputa mesquinha pela hegemonia do sindicalismo, deixando-se de lado os interesses unitários e de luta dos trabalhadores.

"Ou participamos os dez sindicalistas de São Paulo ou nos retiramos da reunião", ameaçou Jair Meneguelli, do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, criando o primeiro impasse da reunião. Afinal, 14 Estados aceitaram a decisão da Pró-CUT de enviar até três representantes para participar da reunião ampliada. E só sete interviram, seguindo a "decisão" da reunião feita a revelia da Pró-CUT (ver TO nº 85), trouxeram mais de três ativistas e tentaram impor este novo critério.

Ao se decidir que só três teriam direito a voto, quatro interindicados, sob o controle da corrente petista, encontraram o pretexto necessário para abandonar a plenária. São Paulo, Pará, Goiás e Paraná. Nenhuma outra interindicial embarcou na canoa da divisão, enfraquecendo a manobra. "Esta posição do tudo ou nada é prejudicial à luta dos trabalhadores, é sectarismo puro que divide o movimento sindical", afirmou Paulo Palm, do Sindicato dos Metalúrgicos de Canoas, que concluiu: "Nós que temos severas críticas à Pró-CUT por seu imobilismo e golpismo temos que ficar aqui para fazê-las e ver formas para resolver o impasse criado por ela, convocando o *Conclat*. Se abandonarmos o terreno daremos brechas às posições conciliadoras".

ABOCANHAR A DIREÇÃO

Dito e feito. Bastante contentes, os sindicalistas reformistas e pelegos tentaram, no restante da reunião, abocanhar a direção da Pró-CUT, atrelando-a ao que há de mais atrasado e imobilista. Mostrando a outra face do divisionismo, o bloco reformista-pelego tudo fez para impedir a reunificação do movimento sindical. Procurou impor a data do *Conclat* e suas bases de organização, excluindo de vez as quatro interindicadas. Para isto contou com o aval do presidente da Contag, José Francisco.

Em parte, este bloco foi vitorioso. A proposta que visava reunificar o movimento sindical — a convocação de uma nova reunião ampliada da Pró-CUT renovada e mais cinco sindicatos de cada Estado — foi derrotada. Mesmo assim um grupo de sindicalistas, que forjou uma corrente na defesa do sindicalismo unitário e combativo, teve algum êxito. Não deixou que se amarrasse totalmente a



Célio: "Não fechar as portas aos que saíram"

A força da corrente sindical classista

As articulações intersindicais mais partem novelas massantes de TV. Vivem de vai-e-vem. Os incontáveis golpes e contra-golpes na Pró-CUT são mostra disto. O que se vê é a briga encarniçada para conquistar à força a hegemonia do movimento sindical, tanto por parte da corrente sindical petista como da reformista. Não há nenhuma preocupação real com os anseios dos trabalhadores, com a convocação de um Congresso que unifique as suas lutas contra a investida patronal.

Esta situação reflete bem o nível de descomprometimento da maioria das direções sindicais atuais, estaduais e na Pró-CUT. Esta disputa cupulista e mesquinha pelo poder, que não desperta nenhum interesse aos trabalhadores, só terá fim com a pressão das bases nos Sindicatos, com o fortalecimento das entidades sindicais e como fruto deste processo, com a abolição de uma corrente sindical classista à frente dos Sindicatos.

Enquanto isto não ocorre novas tarefas vão se colocando àqueles que defendem um sindicalismo unitário e combativo. A próxima é a reunião de novembro. O fato da renovação da Pró-CUT passar por plenárias estaduais pode possibilitar a escolha de sindicalistas realmente comprometidos com a unificação e luta dos trabalhadores.

Como se viu em Brasília, é possível articular uma corrente de sindicalistas consequentes, aglutinando-se os inúmeros ativistas independentes, os não vinculados totalmente pela política imbilista, reformista e divisionista. S. desde já esta articulação for bem-marcada, há possibilidade de uma renovação efetiva da Pró-CUT, diminuindo-se os espaços s correntes sindicais petistas e reformistas. Isto dará mais vida à Pró-CUT e possibilitará a organização de um *Conclat* representativo, unitário e de combate à exploração e ao regime militar.

organização do próximo *Conclat*. Como afirmou Célio de Castro, do Sindicato dos Médicos de Minas e uma das lideranças desta corrente, "é um grave erro ignorar que o movimento sindical corre o risco de rachar, pois émos que evitar que se conside a manobra divisionista de que abandonaram a reunião. Não podemos de forma a uma fechar as portas aos que se retiraram, organizando de forma estreita o próximo *Conclat*".

Engolindo a seco, os reformistas tiveram que recuar. Não se fechou nada sobre o próximo Congresso, convocando-se uma nova reunião para os dias 28 e 29 de novembro. Nela participaram os votos membros da Pró-CUT e outros Estados, através de plenárias das interindicadas ou *Enclats*. Concretamente esta decisão dificulta à corrente petista organizar uma via interindicial nacional, assim como prejudica o anseio do bloco reformista-pelego de ganhar a hegemonia do sindicalismo. (Altamiro Borges)

Clara aposta numa UNE coesa e forte na base

De 30 de setembro a 3 de outubro, a UNE vai realizar o seu 34º Congresso, em Piracicaba, interior de São Paulo. Ele promete ser um dos mais importantes e disputados desde a reorganização da entidade, em 1979. Ocorrerá às vésperas das eleições de 15 de novembro e deverá consolidar a unidade dos estudantes contra o governo.

Clara Araújo, diretora do departamento feminino da UNE, em entrevista à Tribuna avalia o movimento estudantil e apresenta as propostas que *Viração* levará ao Congresso. Clara afirma que será importantíssimo o comparecimento do maior número possível de delegados desta corrente.



Clara Araújo fala à TO sobre o Congresso da UNE

TO — O Ministério da Educação e Cultura (MEC) está com um plano de reformulação da universidade. O que você acha deste projeto?

Clara: O MEC argumenta que quer adequar a universidade às necessidades da sociedade. Mas na realidade visa a atrelar de vez a universidade aos interesses dos empresários, principalmente estrangeiros.

Por isso achamos que o Congresso deve tirar uma resolução concreta visando realizar no próximo ano um seminário nacional tendo como eixo a formulação de uma proposta mais elaborada dos estudantes em relação à universidade. Pretendemos uma universidade democrática, onde alunos, professores e funcionários possam ter participação efetiva; pública, porque o Estado tem o dever de promover o ensino para todos, e ensino gratuito; autônoma, sem ser controlada e cercada pelo governo; voltada para os interesses do país e do povo e não das grandes multinacionais.

TO — Como é que se explica a defesa dos subsídios para as escolas pagas ao mesmo tempo em que a UNE defende o ensino público e gratuito?

Clara: Algumas correntes são contra a luta pelos subsídios, sem entender que no momento ela pode significar a redução dos aumentos nas escolas particulares. Nós temos que compreender que a UNE é uma entidade de atuação política que se caracteriza pela defesa dos princípios fundamentais dos estudantes, como o ensino público e gratuito. Mas, exatamente por ser uma entidade política, a UNE tem também como tarefa responder às questões imediatas dos estudantes das escolas particulares, como a grande evasão causada pelos aumentos cada vez mais onerosos das anuidades e taxas.

Na medida em que as escolas particulares são empresas de ensino, elas não assumem os déficits. E como o MEC não dá subsídios, estas escolas acabam repassando todos estes déficits para as costas dos estudantes. A luta por subsídios hoje é a resposta, é a forma concreta de se garantir a permanência de um grande contingente de estudantes nas

escolas. Os que hoje criticam o subsídio ficam falando abstratamente em princípios, mas não respondem a uma questão premente de 70% dos estudantes brasileiros e não apresentam nenhuma alternativa para este problema.

Eleger a diretoria no Congresso é democrático

TO — Algumas correntes do movimento estudantil são contra a eleição da nova diretoria em congresso e vocês são a favor. Por que?

Clara: Não é por acaso que a tradição do movimento estudantil é de escolher a diretoria no Congresso. Ela é mais democrática. Garante o debate das diversas propostas nas escolas e no próprio Congresso. E permite unificar a maioria dos estudantes presentes em torno da proposta aprovada pela maioria e não destas ou daquelas correntes estudantis.

Por outro lado, consideramos que a representatividade da UNE não se dá apenas no seu método de eleição, mas na sua forma combativa de atuação e nas resoluções unitárias do Congresso. Consideramos que é importante tirar uma diretoria que desde já esteja encaminhando as resoluções aprovadas e que não se entre no próximo ano tendo como centro as eleições da diretoria da UNE.

Alguns preferem atacar a UNE e não o regime

TO — Por que o combate acirrado de algumas correntes à diretoria da UNE?

Clara: Particularmente neste ano, algumas lideranças deixaram de lado a luta contra o regime para colocar como centro de seus ataques a diretoria da UNE. Achamos isto extremamente prejudicial ao movimento estudantil. Mas na medida em que as entidades estejam mais ligadas aos estudantes e levem programas justos, estas correntes, que atacam a UNE apenas por uma questão de poder, serão desmascaradas.

A chave da vitalidade da UNE ao longo de sua história foi o princípio da unidade do movimento estudantil. E é precisamente esta unidade, tão cara a nós estudantes, que hoje se encontra ameaçada pela atuação irresponsável de alguns colegas. Atitudes como a convocação de encontros paralelos, as tentativas de colocar a UNE a serviço de um partido e a colocação da diretoria como alvo central dos combates, ao invés de centrar fogo na política educacional do governo, são exemplos disso.

Portanto, neste Congresso o conjunto dos delegados terá uma tarefa importante, que é garantir a discussão de questões políticas, que interessam de fato os estudantes e toda a sociedade. Esta é a forma de consolidar o movimento estudantil em torno das posições majoritárias, impedindo posicionamentos que visam romper sua unidade e enfraquecê-la.



Viração quer unir estudantes

Neste Congresso os estudantes brasileiros têm diante de si a responsabilidade de defender sua unidade em torno da UNE, contra as investidas do regime militar. Desmascarando, neste processo, as correntes que colocam como centro não as reivindicações estudantis, mas sim uma verdadeira cruzada contra a diretoria da entidade.

Visando contribuir para este fim, *Viração* levará ao Congresso para discussão um programa de ação que considera capaz de unificar a maioria dos estudantes por responder a seus anseios. Seus principais pontos são:

Luta contra a implantação do ensino pago. A atual política do governo é a principal responsável pelo crescimento do número de estudantes que abandonam seus cursos devido aos aumentos exorbitantes das taxas e anuidades. Dá a necessidade de exigir suplementação de verbas para as escolas públicas. E levar uma luta contra a portaria do Ministério da Educação e Cultura, que estipulou preços altíssimos nos restaurantes

universitários, depois de diminuir em mais de um bilhão de cruzeiros suas verbas para os refeitórios.

Nas escolas particulares, lutar contra os aumentos abusivos e pelo rebaixamento dos aumentos em vigor. Exigir subsídios para as escolas pagas, evitando que estas elevações sejam repassadas para os estudantes. Reforçar a campanha pelo ensino público e gratuito, junto com amplos setores da sociedade que abraçam esta causa.

Tomar posição contra o PDS e apoiar a oposição nas eleições de 15 de novembro, visando derrota do governo nas urnas. Mas isso não significa que a UNE se posicione por um determinado partido. A entidade representa estudantes que se identificam com diversas correntes. Apoiar apenas uma delas significa alijar os demais e contribuir para a divisão e enfraquecimento da entidade.

Reafirmar o protesto contra a expulsão de Javier Alfaya e exigir sua imediata naturalização.



Governo de São Paulo dificulta supletivos

O Conselho Estadual de Educação aprovou um projeto que estende o prazo de um ano e meio do 2º grau supletivo para dois anos, ao mesmo tempo que coloca um exame especial de matemática e português no final do curso regular do supletivo. Só através deste exame especial os alunos podem receber o seu diploma.

Isto vai resolver o problema dos supletivos? Não! Além de passar por cima da Lei 5.692 (do ensino a nível nacional), ele passa por cima dos 400 mil estudantes de supletivos do Estado de São Paulo, dos professores e diretores que nem sequer foram consultados pelo Conselho.

Nós trabalhamos o dia todo, estudamos com sacrifícios e, por causa de um exame especial, podemos perder os anos de estudo? Não, nós lutaremos até o fim para barrar este projeto! E

isto está sendo provado pelas mobilizações em São Paulo, em Rio Claro, onde, 3 mil alunos saíram às ruas sendo duramente reprimidos pela polícia; em Ribeirão Preto e em Campinas, onde dois mil secundaristas realizaram um grande ato público, protestando contra este projeto de reformulação dos supletivos.

A nossa luta não para aí. Temos que continuar mobilizados e juntos derrotarmos este projeto pressionando o Secretário de Educação, para que se posicione contrariamente às medidas do CEE.

Exigimos também do MEC o supletivo público e gratuito, pois é um direito que temos; o direito à Educação. (Marta R. Maia - diretora da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas - UBES - São Paulo).



fala o POVO

A batalha eleitoral vem se acirrando. E com ela, denúncias de corrupção, incompetência do partido governista. As cartas deste número contam também da reação popular à propaganda do PDS. Em Goiás, por exemplo, alunos de uma escola ridicularizaram a diretora e "autoridades" pedesistas que mendigavam votos.

E cresce em toda parte o sentimento oposicionista do povo, que se pronuncia cada vez mais em favor da oposição, do PMDB. Faltam apenas oito semanas para que o povo faça valer sua vontade nas urnas. Entre também nesta briga, que ela é sua! Escreva para nosso jornal! (Olivia Rangel)

Estudantes goianos põem PDS no seu devido lugar

No dia 1º de setembro, na abertura de um torneio de futebol no Colégio Estadual Alfredo Nasser, de Goiânia, aconteceu uma cena que desmoralizou o PDS.

Para a abertura do torneio foram convidados, pela diretora, várias "autoridades" do PDS, entre elas a mulher de Otávio Lage, candidato pedesista ao governo. Quando os alunos já se encontravam impacientes de tanto ouvir

besteiras, a diretora do colégio, descaradamente, tomou a palavra e pediu aos estudantes para falarem para seus pais votarem no PDS. A reação dos alunos foi inesperada para os mendigadores de voto. Eles caíram na gargalhada e começaram a gritar o nome do futuro governador do Estado, candidato pelo PMDB, Iris Resende.

Diante de tal reação, os tubarões do PDS ficaram sem

saber onde colocar a cara — se fossem avestruzes escondiam na terra — e bateram em retirada.

Isso mostra a impopularidade deste partido de fome, repressão e entreguismo, o PDS. O povo hoje está com a oposição, o PMDB, para derrotar a ditadura militar. (Um estudante do Colégio Alfredo Nasser, de Goiânia, Goiás).



Povo de Teresina em peso vai o governo

Aqui no Piauí não existe nada que mude a intenção do povo de votar no PMDB. Numa "provincia" como o Piauí, onde o povo sofre fome, perseguições, ofensas por todos os lados, como é que um povo pode votar no PDS?

Que o também informare que no dia 22 de agosto eu tive presente a uma inauguração de uma grande avenida aqui na capital da província de Piauí, Teresina. Via resposta

do povo ao governo da fome. Na solenidade o governo não teve vez; foi a maior via que eu já vi em Teresina. O tal governador não pode falar porque a via do povo não deixou. Eu pergunto: o povo enche o estômago com avenida? Foi bonita a resposta do povo aos corruptos. Mas quero dizer também que muita gente foi presa por este motivo. Graças a Deus estou livre para poder contar a história. (J.S. - Teresina, Piauí)

Polícia maranhense quer salário melhor

O governador do Estado do Maranhão fez publicar no Diário Oficial do Estado, datado de 18 de dezembro de 1981, o aumento de vencimentos do grupo Polícia Civil, onde diz no anexo IX que um comissário de polícia classe "A" passaria a receber, a partir de janeiro de 1982, 17.767 cruzeiros, o que não aconteceu. E sim nos pagaram a quantia de 15.450 cruzeiros.

Fomos reclamar a quem achávamos que deveríamos reclamar por direito. Mas a nós foram dadas respostas evasivas como: "Isso é erro da Secretaria de Administração". E ninguém tomou nenhuma providência no senti-

do de fazer com que fosse cumprido o ato do governador, nem o próprio governador. Claro, ele não seria o beneficiado!

E essa situação de engano se prolongou até julho, quando, no mesmo Diário Oficial, no seu anexo X, estava publicado que um comissário de Polícia Civil classe "A" passaria a receber 23.890 cruzeiros. E voltaram a errar, dilapidar vantagem de 70% de risco de vida deveria ser calculado sobre os 23.890 o que daria 40.613 cruzeiros. No entanto calcularam sobre a quantia de 20.000 cruzeiros, inventada por eles; o que deu 35.200 cruzeiros, que é o que estamos

recebendo até hoje. E ninguém tomou providências.

Quando mudou o governador, tivemos uma certa esperança de que o problema seria solucionado. Mas infelizmente não passou de mera esperança. O Estado deve a cada um de nós 33.197,50 cruzeiros referente a todas as diferenças salariais de janeiro a agosto deste ano. Como não temos direito a greve de reivindicação, estamos cansados de sermos enganados por falsas promessas, esperamos que esta carta, talvez publicada, faça com que alguém se interesse e tome as providências cabíveis. (O comissário da Secretaria de Segurança Pública do Maranhão).



Metalúrgica Wladan não quer assinar Carteira

A Metalúrgica Wladan, situada na Mooca, registra os operários somente depois de três meses. E lá não se tem condição de ficar nem um mês, o trabalhador vive num ambiente sujo e sem segurança. Mas no meu caso fiquei seis meses sem registro na perspectiva de arranjar um emprego melhor.

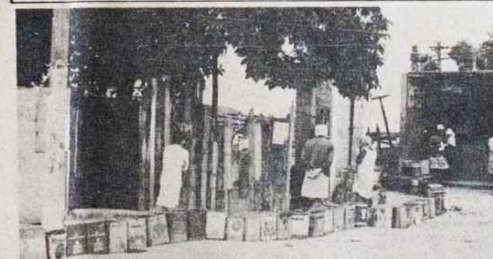
Depois de ter trabalhado um ano e três meses os patrões, além de nos jogar no desemprego, se negam a pagar nossos direitos garantidos por lei. E ainda querem jogar a culpa de seu fracasso em nossas costas, alegando que estão indo à falência por

nossa causa. Pelo que entendo os trabalhadores só dão lucro aos patrões.

Não se contentando em nos colocar no olho da rua, tentam fazer os tais acordos, achando que o peão é cordeirinho e vai aceitar. Logo recorri ao Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo e a advogada entrou com um processo. Eles se negam a pagar até os 9 meses de registro em carteira. Como o Sindicato se encontra na mão de um pelego já faz 8 meses que estou desempregado e nenhuma providência foi tomada.

Os patrões em frente ao juiz trouxeram testemunhas compradas. Quando os patrões me propuseram 20 mil cruzeiros, eu tendo direito a receber 45 mil por lei — me neguei a aceitar e disse que não precisava de escola. Logo o juiz começou a gritar me mandando calar a boca e ameaçando de prisão.

Mas agora vou até o fim nessa luta porque sei que a culpa é do patrão e desse governo e para mudar a situação é preciso mudar o governo e as leis desse país. (E.S. — desempregado, leitor da Tribuna — São Paulo, SP.)



A long fila de espera da água no morro

Favelados do Morro do Estado sem água

Verdadeira situação de penúria vivem moradores do Morro do Estado na cidade de Niterói. Os fatos se sucedem, sem nenhuma providência ajudada da administração municipal, hoje totalmente abandonada e falidamente.

Som os moradores, os efeitos da catástrofe política econômica e do sociado governo militar, do general Figueiredo e seus aliados, que permite os aumentos nos preços dos alimentos, os passagens, dos transportes, da comida, da luz, das roupas, dos calçados, etc.

É a situação é atualmente muito piorando, devido à presença de inúmeras pessoas desempregadas, fruto do desemprego nas principais indústrias do município, a naval e a construção civil, a falta de pagamento dos salários dos empregados da prefeitura municipal, ocasionada pela irresponsabilidade dos governantes locais em realizar gastos com obras de mer interesse da comunidade, em "arrastar" amigos" para garantir votos nas próximas eleições; a falta de abastecimento d'água, com atendimento precário, através de bicás ou pela compra de latas d'água onde as filhas são irmãs, marcadas pelas próprias latas. A espera e a demora na fila tornam ou promovem conflitos diários.

Não bastando esta situação de dificuldades, ocorreu dias atrás um fato que veio contribuir para piorar ainda mais as coisas: a queda de um prédio, próximo ao Morro do Estado, que afetou o abastecimento de água, obrigando os moradores a descerem para arranjar água ou comprarem-na caro. Não há nenhuma providência imediata para conserto pela prefeitura ou governo do Estado.

Com tudo isso, observa-se que mesmo com enormes problemas alguns moradores começam a reagir a esta situação, principalmente as mulheres, que sentem os problemas na carne. Em visita a CEDAE, uma destas senhoras obteve a seguinte resposta do engenheiro de nome Clóvis sobre a falta d'água: "Favelado não tem direito a água". Respondeu à altura, levando alguns moradores que encheram o escritório do engenheiro deixando-o bastante nervoso. "Se não sair a legalização da água, leve todas as mães e filhos com faixas e tudo. Ele vai ver". Acreditamos que este exemplo de luta mudará a atual situação, se continuar. E como políticos nos comprometemos a lutar junto com os moradores, colocando nos mandado a serviço do povo. (Anna Muniz, candidata a vereadora pelo PMDB de Niterói, Rio de Janeiro)

Polícia Mexicana invade Centro de Comunicação Social

No dia 26 de agosto o Centro Nacional de Comunicação Social (Cencos), foi invadido pela Polícia Federal Mexicana. O Cencos é um centro de documentação e informação que tem como característica preocupar-se em difundir notícias — internas e da América Latina — que são omitidas pela grande imprensa. Também é um dos poucos meios de expressão dos setores populares mexicanos e frequentemente promove atos de solidariedade com as lutas dos povos latino-americanos.

Na madrugada do dia 26, um grupo de agentes federais invadiu violentamente a sede do Cencos, golpeando um camponês que se encontrava no local. Além de quebrar portas, janelas e equipamentos, os agressores roubaram o material que estava sendo impresso pela gráfica de Cencos. Esse material era um panfleto do PMT (Partido Mexicano dos Trabalhadores), que responsabiliza o governo pela crise econômica em que vive o país.

Fatos como esse estão se tornando uma rotina nos últimos meses: o próprio presidente tem feito críticas abertas a conhecidos caricaturistas, revistas políticas e tem sofrido o boicote governamental a estação de rádio de propriedade da universidade de Guerrero teve sua antena destruída, as concessões de licença para funcionamento de estações de rádio são negadas a universidades, um programa popular de rádio foi tirado do ar. Esses atos repressivos aos meios de comunicação se somam ao aumento da violência contra o movimento operário, camponês e popular.

Diante disso, é necessário aumentar a solidariedade com as organizações populares mexicanas. No caso específico, solicitamos o envio de cartas ou telegramas ao governo Mexicano, protestando por essa invasão e manifestando nossa solidariedade com os Cencos.

As notas podem ser enviadas para: Sr. Presidente da República Mexicana — Lic. José López Portillo, Los Pinos, México, D.F. Pedimos que sejam enviadas cópias dessas cartas a: CENCO — Calle Medellín nº 33 Col. Roma, 06700 México, D.F. — México — (Companheiros solidários com o povo Mexicano — São Paulo, SP)

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

A reforma agrária

Terra para quem nela trabalha ou quer trabalhar é uma das exigências mais sentidas do povo brasileiro. Liquidar com o latifúndio, pré-capitalista ou capitalista, atende aos interesses de milhões de parceiros, rendeiros, pequenos e médios camponeses, posseiros, assalariados agrícolas, bióssias, que são brutalmente explorados porque não têm terra ou têm terra insuficiente, assim como dos operários e todos os trabalhadores da cidade que sofrem com a carestia, principalmente com os altos preços dos alimentos. Interessa também à burguesia rural e a setores de empresários da indústria e do comércio.

Desde 1964 os generais tentam confundir reforma agrária com certas medidas paliativas e demagógicas que mantêm intacta a estrutura agrária do país. O Estatuto da Terra, elaborado sob a pressão da luta camponesa, reconhece certos direitos do homem do campo e proíbe a cobrança exorbitante da renda da terra pelo latifundiário. Mas não mexe com o latifúndio e, mais do que isto, raramente é aplicado, já que os donos de terra são protegidos pelos poderes públicos. Os projetos de colonização, principalmente na Amazônia, além de se limitarem ao objetivo de aliviar a tensão em certas áreas de grandes conflitos, representam um fracasso completo, uma vez que não foi cumprido nem 10% do prometido. E os poucos títulos de propriedade legalizados com grande estardalhaço, na verdade representam uma conquista dos posseiros e camponeses que os usaram resistir aos grileiros e latifundiários, muitas vezes derramando seu sangue para obter o que têm direito.

MONOPÓLIO DA TERRA

Certas correntes ligadas ao movimento popular limitam a reforma agrária aos latifúndios improdutivos, ao acatamento do Estatuto da Terra e ao reconhecimento da propriedade dos posseiros que vivem no local a um certo tempo. Até mesmo algumas resoluções da Contag conformam-se com medidas deste tipo, que não atingem o fundo do problema.

A característica central da estrutura agrária brasileira é o monopólio da propriedade da terra por um reduzido número de privilegiados. Em 1980, segundo o IBGE, enquanto 48 mil latifundiários ocupavam 169 milhões de hectares de terra, os 4,6 milhões de pequenos e médios proprietários ocupavam apenas 73 milhões de hectares! Em função desta brutal concentração, enquanto 0,5% de ricos apoderavam-se de 44,2% da renda no campo, os 50% mais pobres ficavam com apenas 14,9% da renda. E são os ricos que dominam o comércio rural, destinando muitas vezes para aplicações financeiras. Basta ver que 90% dos contratos de créditos de pequenos camponeses somavam a mesma quantia dos contratos de 0,3% de ricos.

MUDANÇA RADICAL

A reforma agrária radical eliminará o monopólio da terra e acabará com todos os tipos de latifúndio. Dividirá a terra entre os que trabalham ou desejam trabalhar no campo, assegurando-lhes ajuda técnica, créditos, preços mínimos, compensadores, condições de armazenagem e facilidades para a comercialização dos produtos. Organizará propriedades coletivas nos estabelecimentos capitalistas desenvolvidos, sob o controle dos trabalhadores. Impulsionará fazendas modelo sob controle estatal. O proletariado, em aliança com os assalariados agrícolas e camponeses pobres, conduzirá estas transformações no rumo do socialismo.

Uma mudança deste tipo exige o afastamento do poder dos latifundiários, burgueses ou não. Faz parte do programa da primeira etapa da revolução e será executada por um regime de democracia popular em marcha para o socialismo. A seguir o poder popular e a dívida externa.

Uma coletânea de artigos de Diógenes Arruda sobre a estrutura do partido leninista e formação de revolucionários. Pedidos à Editora Anita Garibaldi, Trav. Brig. Luiz Antonio, 53, São Paulo, SP, CEP 01318.



O fiel jogador da arquibancada

Cláudio, Crives e Arburu — líderes da Camisa 12, torcida organizada do Corinthians — demonstram com brilhantismo que a paixão pelo futebol não transforma os torcedores numa multidão de Pachecos e Zés Galera.

A força fiel da Camisa 12

Definitivamente impossível descrever, mesmo com as melhores palavras, o que seja a "fiel" torcida corinthiana. Alguma coisa beirando paixão imortal enquanto dura a vida, contrariando a versão que o poeta consagrou para os casos de amor. Quem tem bom coração e torce por outro time, nunca assista uma vitória corinthiana no meio da Fiel Torcida Jovem Camisa 12. O risco de "virar bandeira" — traição capital e imperdoável no futebol — é muito grande. O torcedor ao lado, porém, corrige: "quem tem bom coração já nasce corinthiano".

Início de jogo, dia 12, e sobrevém a festa antecipada no impracável penalti agora assinalado. Casagrande imóvel dentro da grande área, como de resto todo o estádio à espera do apito do juiz. Só o número da camisa 9 o diferencia dos que estão aqui fora, olhos fixos em seus próximos movimentos. Normalmente agitado, travesso e incansável, transfere para o gramado a mesma fibra e a mesma alegria que agora explode e balança a arquibancada na mesma frequência da rede ferida pelo tiro certo. Todos esquecem o lugar conseguido com esforço, abraços entusiasmados e uma enxurrada de palavrões de felicidade. Para desgraça de Valdir Peres e do terço da torcida que sofre pelo São Paulo, Casagrande faz repetir a festa. Um gol mais bonito, tabelando com Ataliba, finalizado num toque maroto e milimetrado.

A prudência aconselha assistir o segundo tempo em local mais distante da 12. Afinal, mesmo não tendo nascido corinthiano, meu coração também não é de pedra. (JM)



As inúmeras bandeiras da jovem e vibrante "Camisa 12" do Corinthians.

TO: A Camisa 12 existe desde quando?
12: Foi fundada em Agosto de 1971, e o nome que consta dos estatutos é Fiel Torcida Jovem Camisa 12, o jogador da arquibancada.

TO: É a maior das torcidas organizadas, ou já foi?

12: Sempre fomos considerados uma das maiores torcidas e já teve momentos em que fomos a mais forte. Hoje, no entanto, nós estamos saindo de uma crise que esvaziou a torcida no primeiro semestre desse ano.

TO: Por que motivo isso aconteceu?
12: No fim do ano passado nós resolvemos fazer uma festa do chopp e esta festa foi boicotada por todo mundo dentro do Corinthians. Eles nos criaram muitas dificuldades, proibiram as telefonistas de fornecer informações sobre a festa, impediram os porteiros de distribuir convites e chegaram a contatar a cantora que faria o show para não comparecer.

TO: Essa articulação contra a festa partiu de quem e porque?

12: Nós sempre tivemos participação ativa dentro da vida política do Corinthians, porque nós achamos que o torcedor tem que ter voz dentro do clube, afinal de contas é ele quem sustenta o futebol. É a própria razão da grandeza do Corinthians. E nós sempre fizemos oposição ao Matheus, porque ele é um aproveitador, com vocação para ditador, e sempre agiu como se o clube fosse sua propriedade. Foi principalmente o grupo dele, inconformado com a nossa postura, quem articulou o boicote.

TO: E a diretoria atual, tem uma diferença marcante com as anteriores?

12: É fraca. O que aconteceu é que ela abriu de certa forma o clube. O Corinthians ficou dez anos nas mãos do Matheus e agora o poder está um pouco mais dividido, nas mãos de quatro ou cinco. É só isso.

TO: Após a crise, como foi que a torcida reorganizou-se?

12: Isso foi muito discutido entre a gente. Nós estamos querendo formar uma "torcida popular". Queremos comprometer todos os sócios com as atividades da torcida. Vamos nos



Camisa 12 no meio da multidão corinthiana: "Uma torcida politizada".

consentizar de que nada vai cair do céu. O que nós conseguimos daqui para a frente será fruto do esforço de toda a torcida. Vamos fazer uma união que não termine no fim do jogo.

TO: Que tipo de apoio a diretoria poderia dar que não tem dado?

12: Nós não pleiteamos nada dentro do Corinthians. Nem sede, nem dinheiro, nada mesmo. A única coisa que nós queremos é que o clube reconheça a torcida e reconheça nossas atividades

como as de uma parcela importante da comunidade corinthiana. E administrar bem o clube, montando um bom time de futebol, porque aí a torcida também se fortalece. Teve um diretor que nos disse quando lhe apresentamos a ideia da festa: "Vocês vão trazer para dentro do clube esse bando de maloqueiros?". Um absurdo que ele nunca vai ter coragem de dizer nas bilheterias dos estádios. O Corinthians não é deles. (Jessé Madureira)

Camisa 12 apóia Aldo Rebelo

TO: As eleições de 82, um assunto palpante e que preocupa toda a sociedade, como se reflete na Camisa 12?

12: Nós estamos fazendo campanha para o PMDB. Aliás a tradição da 12 é opositorista e nós sempre apoiamos o MDB. E não podia ser diferente. O PTB faz campanha usando favores prestados pelo governo. O PT combate mais os candidatos do PMDB do que os do PDS. O PDT é inexpressivo em São Paulo. Quem quer ganhar as eleições do governo está mesmo é com o PMDB.

TO: Qual a chapa que vocês apóiam?

12: Montoro para governador, Almino Afonso para senador, Aldo Rebelo para deputado federal, Geraldo Jabur para deputado estadual e Dalmo Pessoa para vereador.

TO: Como é que vocês fecharam esses apoios?

12: Nós fomos procurados por todos os partidos e por vários candidatos. Não fosse a nossa tradição opositorista nós já teríamos conseguido a nossa sede num desses contatos. Desde que tivéssemos dado o "amém" para algum político oportunista, mas não demos o amém. Não estamos arrependidos por isso. Quando a gente se mete a fazer alguma coisa tem que fazer com coerência e sacrifício. Nós fizemos uma reunião e em primeiro lugar discutimos que partido apoiar para depois escolher os candidatos. A maioria achou que o PMDB é a melhor opção. Já definimos os candidatos, que já relacionei.

TO: E o apoio ao Aldo como é que foi decidido?

12: A maioria da torcida é composta por jovens e estudantes. O Aldo, como todos sabemos, é conhecido por sua liderança nas lutas estudantis e da juventude. Além de defender bandeiras que são de todo o povo, como ensino gratuito, liberdade, governo popular. E como nós pretendemos popularizar a 12, o Aldo é um nome bastante coerente com a nossa opinião. E é também uma opção ideológica que a gente faz ao apoiá-lo. Aquilo que a gente acreditou em sonho durante muito tempo no país a gente tem que acreditar agora nas pessoas que se propõem a fazer e que demonstram realmente querer fazer.

Nós precisamos de pessoas em que a gente acredite na palavra, na atitude e no comportamento, e o Aldo para nós demonstra reunir todas essas condições.

TO: Como será a campanha que vocês farão para os seus candidatos?

12: O mesmo estilo de campanha que nós já fizemos em outras eleições. Quando eles precisarem de um batucado para um comício a gente vai. Vamos levar faixas para o estádio e no dia da eleição faremos uma grande boca de urna. Em troca nós só pedimos uma coisa: que eles nos ajudem a conseguir uma sede, uma luta muito antiga nossa. Ela é fundamental para nós. A gente é obrigado a fazer reuniões em bar, na casa de um de nós, da forma mais improvisada possível. Não é essa também uma das reivindicações da UNE? É improdutivo, penso mesmo, ficar fazendo reuniões escondidas, cada semana num local. Essa é a única coisa que nós pedimos ao Aldo e aos outros candidatos.

Alceu, sem vergonha de ser Brasil

Logo depois do sucesso estrondoso do seu show no Anhembi, e pouco antes de deixar São Paulo pelo Rio Grande do Sul, numa vida errante de artista do momento, Alceu Valença fala à Tribuna. Conta de sua vida, fala de arte, de política, e insurge-se contra o "macaqueamento da música estrangeira", que contamina nossa produção cultural.

Alceu é pernambucano do Agreste, de São Bento do Una, e teve um avô "que foi industrial, mas quebrou tantas vezes que era um cara com um amor muito grande pelas coisas do povo, os forrós... Uma coisa que ele deixou e que eu acho legal nele — conta — é a ideia do reforço da cultura como fator da Nação brasileira. Nação no sentido de um sentimento geral, de uma responsabilidade com teu irmão brasileiro. Eu acho que o homem é universal, mas no momento é preciso a gente começar valorizando o que é nosso, brasileiro".

O mesmo tema volta à cena quando Alceu avalia sua passagem por São Paulo: "Foi ótimo, maravilhoso, de repente tanta gente dando força ao que você produz... isso dá credibilidade a um trabalho. E depois, significa uma abertura para a arte brasileira, porque até



O cantor Alceu Valença: "Se não fosse artista, eu seria um político".

agora o que tem tirado muito é o macaqueamento, tem até vergonha de sermos do Brasil".

É também com uma ponta de orgulho que ele fala das raízes entranhadas nordestinas da sua música, que "é tão brasileira quanto o samba". Mas mesmo no pique da popularidade Alceu conhece as limitações da música cultural que o projeto e devora: "O nordestino de São Paulo — diz — não tem muitas condições de ir ao Anhembi ver minha música.

Um ingresso de 500 cruzeiros é barato em termos de produção, mas para o povo não dá. Eu estou aumentando sempre mais os lugares onde dou show, para ver se fica mais barato. Um dia a gente chega lá, lá no povão".

O Alceu Paes Valença, cidadão brasileiro, faz questão de marcar uma linha divisória com o Alceu Valença artista. "Como artista eu sou um doido, comenta — porque o artista é um malu-

co, um ser livre. Canto o que está dentro de mim e não sou panfletário, embora ache ótimo e admire o que são. Mas como cidadão eu me meto em política. O homem não é um ser social, como dizem? Então, eu tenho que participar".

Logo em seguida, porém, ele talvez sem sentir, revela alguns dos fios invisíveis que, de uma maneira ou de outra, amarram a política e a música: "No meu show eu dou os meus toques — até de maneira onírica, sonhadora, mas dou. Ontem, eu disse para o público lá no Anhembi que "o príncipe almeirão virá no seu cavalo branco, para lutar contra o dragão que é a indústria cultural".

Então o Alceu artista também hoje com política? "Eu bulo — confessa ele — fazendo a minha música, que tem essa coisa de mexer com o coletivo do brasileiro, o nacional. De repente essa juventude, que às vezes está dissociada dos grandes problemas, me entende como um líder, sente uma identificação, que vem da nacionalidade. Eles estão procurando alguma coisa em que se agarrar, em que acreditar".

Entre o artista e o cidadão, ganha o artista. "O principal é a arte, que vem de dentro de mim". Alceu tem consciência de que "é uma microvisão", dentro de um mundo maior. E confessa um sonho: "Se eu não fosse artista iria ser político. Seria um político da frente ampla total, teria lutado muito para que as oposições não se fracionassem. E diria que os meus fãs, que são gente inteligente, votariam nas oposições".

O drama dos trabalhadores de Tucuruí

Série
Grandes
Obras da
Mentira
Parte

Tucuruí, a hidrelétrica gigante da Amazônia, está demitindo 7 mil operários a partir deste mês. O governo do general Figueiredo, atolado na dívida externa, não tem como tocar a usina e, para variar, descarrega nos trabalhadores. A notícia corre o canteiro de obras como um calafrio. A *Tribuna Operária* publica com exclusividade o depoimento de um dos operários ameaçados de demissão.

Pedindo que não se divulgue seu nome, para evitar perseguições, ele conta como a "peãozada" trabalhou até noite alta, inclusive domingo, para a barragem de Tucuruí ultrapassar no último dia 31 o recorde mundial de compactação de argila, antes com o Paquistão. Foi uma loucura. Logo em seguida, começaram as demissões, espalhando a insegurança na cidade de 50 mil habitantes que se formou na margem do Tocantins.

Trabalhador qualificado, nômade, que anda de barragem em barragem, às vezes desde o tempo de Juscelino. Com a crise, as ofertas de trabalho, na barragem de Balbina ou outro lugar, minguaram. O Sine (Sistema Nacional de Emprego, do governo federal) só oferece 1.500 vagas.

Até há pouco, porém, os trabalhadores suportavam um ritmo de construção infernal. Em Tucuruí o governo, através da Eletronorte, contratou a poderosa empreiteira Camargo Correa e esta, por sua vez, subempreiteira outras, como a Empracoil, a Tenenge. Todos trataram de arrancar o máximo daquela mão-de-obra.

O trabalhador de Tucuruí entra às 6 ou 7 horas da manhã e vai até às 18 horas. Quem pode, tem uma hora para almoçar, no refeitório. Quem trabalha no campo, engole seu marmite ali mesmo e segue direto, 12 horas por dia. Sábado é de 6 às 16 — dez horas. Domingo também. Há uma folga semanal, mas nem sempre respeitada. Até dia 7 de setembro Tucuruí dá duro. Não é raro um holerist assinalar até 340 horas trabalhadas num mês.

Ritmo infernal imposto pelas empreiteiras

A situação é dramática para os peões recrutados no Maranhão, Piauí ou até no Parque Dom Pedro, São Paulo. E também está feia para o "barrageiro" — o

Alfás, a hierarquia é rígida, quase um sistema de castas. Os empregados são separados em seis "níveis": 1 e 2 para o peão braçal; 3 para o soldador, tratorista, o operador de máquina; 4 e 5 para os técnicos; 6 para os "caixas alta", engenheiros, administradores.

A diferença aparece na alimentação, no salário, na jornada de trabalho, no sistema de férias — a maioria dos peões vende suas férias para complementar o salário. Até quando a barragem chegou na cota dos 1.900 metros compactados, na comemoração, deram um churrasquinho para os gradados e um churrasquinho para os peões. Há também uma vila para cada nível: na Marabá, onde moram os engenheiros, as casas têm suite, ar condicionado... Nas vilas Temporárias, 1 e 2, ficam os alojamentos dos peões, oito pessoas em cada quarto, com beliches e filias de armários no meio.

Os privilégios dos "nível 6" são realmente impressionantes. Além dos altos salários, eles têm direito, por exemplo, a três períodos de férias por ano — com passagem aérea para toda a família fornecida pela empresa. Enquanto o peão não tem passagem nem quando é posto na rua. "Dói no sangue, essas mordomias" — comenta o trabalhador.

O Passarinho vai mesmo continuar a cantar alto?

Uma hierarquia de privilégios impressionantes

Neste ritmo a "peãozada" cava terra, trabalha no túnel de drenagem, na galeria, na "injeção" de cimento. Dá duro até debaixo de chuva, com exceção da tarpilagem. E vêm então os acidentes. Há na cidade uma escola que leva o nome de Antônio Tortorela, engenheiro, morto sob as rodas de um vagão. Mirou escola, porque era engenheiro. Dois simples peões que despencaram das alturas do vertedouro, nem se sabe o número. As vezes nem os corpos são enviados aos seus lugares de origem.

Em Tucuruí, como no resto do país, a campanha eleitoral pega fogo e a polarização se dá entre o partido do governo e o PMDB. Logo na entrada da cidade, num posto de gasolina, uma grande faixa diz que ali "quem canta mais alto é o Passarinho". Jarbas Passarinho, coronel, senador, ex-ministro e homem de confiança do regime, é hoje o grande cacique do PDS no Estado, espera faturar alto em Tucuruí.

Mas será que canta mesmo? A oposição conta com a realidade objetiva como grande trunfo eleitoral. As demissões, assim como a carestia de vida (uma cerveja numa lanchonete de Tucuruí sai por 300 cruzeiros) vão abrindo os olhos da "peãozada" e engrossando o voto oposicionista.

O direito de morar para mil famílias

Em João Pessoa, Paraíba, cerca de mil famílias de favelados e desempregados conquistaram um local para morar. Desde o dia 7 de setembro invadiram o terreno denominado Jardim Veneza, organizadamente dividiram os lotes e estão construindo seus barracos com restos de madeira e palha de coqueiro. E estão dispostos a defender suas novas casas.

No início eram umas 300 famílias apenas. Mas depois foram chegando as outras. Muitas crianças, muitas mulheres grávidas e muitos velhos. Antônio Pereira, ajudante de pedreiro, explica: "Muitos aqui foram despejados de onde moravam porque estão sem emprego e não recebem nenhuma assistência. Outros já não aguentam mais morar empilhados com outras cinco famílias na mesma casa". Dona Maria das Dores acrescenta: "estou aqui porque o dinheiro que ganho lavando roupa não dá para pagar aluguel. Ninguém me tira mais daqui. Só saio morta".

LÍDER PERSEGUIDO

A polícia, como sempre, apareceu para reprimir o povo. Agentes do DOPS e soldados da Polícia Militar fizeram uma verdadeira guerra de nervos contra os moradores do Jardim Veneza. Foram rechaçados pela atitude corajosa dos trabalhadores — principalmente as mulheres que, com seus filhos no colo, obrigaram o delegado Aldenor a recuar.

O interesse da repressão se concentrou em Vladimir Dantas, combativo líder local e atual candidato a vereador pelo bloco popular do PMDB. Vladimir foi acusado de agitador e subversivo porque junto com Simão de Almeida e Vanderley Caixe, candidatos a deputado federal e esta-



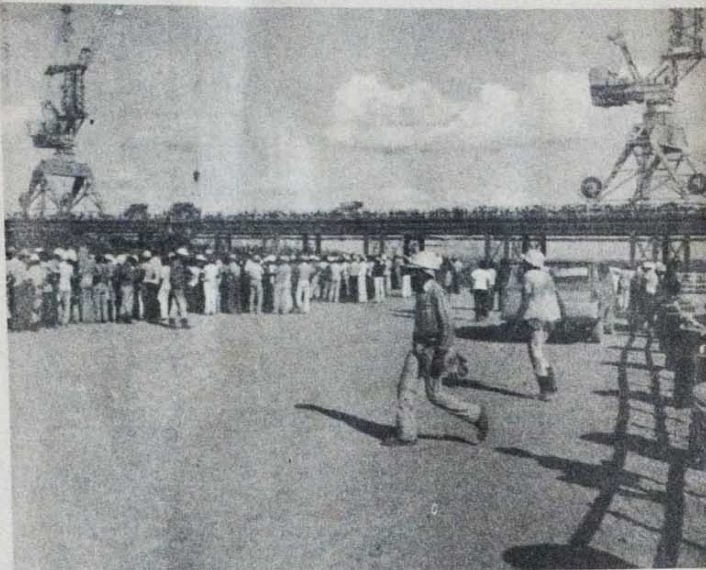
Vladimir Dantas, perseguido e preso dual, foi prestar solidariedade aos ocupantes do terreno. Quando tentaram prender Vladimir, os ocupantes protestaram e começaram a jogar paus e pedras nos carros da polícia.

Depois de várias horas, Vladimir Dantas aceitou comparecer à delegacia, com a condição de ser ouvido na presença do advogado. Lá chegando, apesar dos protestos dos populares que se concentraram na porta, o delegado impediu a entrada do advogado e manteve o candidato a vereador preso durante toda a noite.

OURO DOS BANDIDOS

Os trabalhadores que ocuparam o terreno estão organizando campanhas públicas para providenciar água, luz e a legalização da posse da terra. Nesta mobilização tem se destacado a participação das mulheres, que demonstram grande coragem e espírito de iniciativa.

Diversos aproveitadores do PDS têm comparecido ao local em busca de votos. Um dos ocupantes, Joaquim Lima disse que: "a vontade aqui é uma só. É receber o ouro dos bandidos e depois votar contra eles nas eleições, pois o dinheiro que usamos para comprar votos é do próprio povo".



As obras desaceleradas, depois de um ritmo alucinante de trabalho.

O impacto da "Revolução da Barragem"

Os trabalhadores de Tucuruí são muito unidos. A vida coletiva nos rigores da Amazônia, a obra gigantesca e a exploração patronal estimularam a solidariedade. Exemplo disto foi a "Revolução da Barragem", como eles chamam.

A "Revolução" começou no sábado de Aleluia de 1980. Um grupo de peões fez um jurado, pôs um capacete e um crachá de "nível 6", que são os privilegiados da Camargo Correa, e começou a malhar. Foram brutalmente espancados pela segurança da empresa. Pouco depois, no refeitório do "nível 1" começou um quebra-quebra que se espalhou por toda a obra.

Os peões atacaram viaturas da Camargo Correa, invadiram o supermercado, soltaram os carrinhos cheios de mercadorias.

ladeira abaixo. Foi uma explosão da revolta acumulada com o regime de escravidão na empresa.

Dispostos a matar ou morrer, os trabalhadores triunfaram sobre os guardas da empresa. Mas chegaram tropas da PM, enviadas de Belém, e começou a carnificina. Até hoje não se sabe quantos morreram — atingidos pelas rajadas de metralhadoras sobre a multidão. Alguns falam em oito mortos, outros em 14.

Uma coisa, porém, é certa: depois da "Revolução da Barragem" eles conseguiram uma série de reivindicações. O tratamento dos peões melhorou bastante. Daí o orgulho de todos que falam dela. Foi feito até um "romance" de cordel sobre o assunto, que ainda hoje espera publicação.



A Açominas está virando sucata!

"Nos gabinetes frios de Brasília estão tramando a desativação da Açominas, a partir do dia 16 de novembro, logo após as eleições. É um acontecimento profundamente lesivo à economia de Minas Gerais, com a qual nosso Estado não pode, de maneira nenhuma, se conformar". Essa declaração, de Tancredo Neves, causou impacto na campanha eleitoral mineira.

O "Caso Açominas" é um exemplo de descalabro administrativo. A denúncia feita no fim de agosto por Tancredo, candidato peemedebista ao governo de Minas, foi direta: "No momento temos na Açominas perto de 3 bilhões de dólares em equipamentos expostos ao relento. O cronograma da obra previa uma absorção de 20 mil empregados e existem apenas 4 mil em Ouro Branco".

"Há um atraso de dez meses da Açominas com a Previdência Social e com o Fundo de Garantia. O grave é que com a desativação, não apenas quatro mil profissionais poderão ficar desempregados; outros oito mil funcionários com empregos diretos e indiretos, também serão despedidos".

As autoridades federais apresentaram um fraco desmentido. O próprio presidente Figueiredo, cabo eleitoral volante do PDS, esteve em Minas e nem se referiu ao projeto Açominas, que é um dos maiores do mundo.

Desemprego já passa de 10% em Belo Horizonte

Com a paralisação das obras, o Brasil será obrigado a pagar um empréstimo, de altos juros, e sem esperança de retorno, já que a empresa não produzirá.

Na Assembléia Legislativa mineira o debate está aceso. O deputado Ademir Lucas, do PMDB, revoltado denunciou: "O governo está pouco ligando para o povo trabalhador. Em Contagem fechou-se a Brasília, foram demiti-

dos 242. A Tecnowatt dispensou 34, a Isomonte já fechou. A Manessmann ameaça reduzir o pessoal e a Belgo também. Na Grande Belo Horizonte temos 10% da população ativa desempregada". Ademir também se referiu ao não pagamento do Fundo de Garantia: "Na medida em que a empresa descosta do salário do trabalhador e não deposita, comete um crime de apropriação indébita".

Entre os candidatos do PMDB a preocupação é grande. Na firme

opinião do candidato a deputado estadual Agamenon Siqueira, "o fechamento da Açominas e de outros empreendimentos como a Ferrovia do Aço, a Fosfertil, traz prejuízos incalculáveis para nossa economia. Traz desemprego e miséria. Endividará mais fortemente nosso Estado".

"Neste momento de eleições — continua Agamenon — é muito importante que o povo mineiro conheça bem os frutos do tão apregoado "desenvolvimento" de Minas Gerais. Principalmente porque Eliseu Resende, o candidato do Planalto, baseia sua campanha em promessas de incentivos ao desenvolvimento do Estado. Desenvolvimento, como Eliseu, é o fechamento da Açominas, a venda da Acesa a preço de banana, a corrupção, o leilão do Estado".

Eliseu Resende promete que a Açominas entrará em operação em 1983. Mas o projeto já está atrasado dois anos. Seu equipamento está enferrujado e fora de garantia. O Banco Central bloqueia milhões de dólares de vendas prévias e asfixia o projeto.

Minas transformada em cemitério de obras

A explicação é dada por Tancredo: "É curioso que o prato forte do ex-ministro Eliseu Resende, na sua campanha para o governo do Estado, é a promessa de transformar Minas num canteiro de obras. No entanto, pelo que estamos vendo, na realidade, é o governoederal, que ele hoje representa, que pretende transformar Minas no maior cemitério de obras do País."



A grande siderúrgica está ameaçada; no seu pátio enferrujam mais de 3 bilhões de dólares em equipamento.